

Michelle Bolsonaro: atualização

HIGHLIGHTS

- **Michelle em dados:** o nome de Michelle Bolsonaro no *social listening* Talkwalker registrou 175.119 menções entre 26/6 e 2/7, com pico de volume em 26/6 (51.723), estando a maior ocorrência na semana concentrada às 21h de 30/6 (4.051 menções), na repercussão da saída da liderança do PL Mulher.
- **Michelle versus Flávio:** O atrito entre Michelle e Flávio Bolsonaro foi o eixo de maior alcance, com 28% do total, e o único em que a imprensa foi maioria, com 41%, o fato jornalístico central da semana.
- **Crise na Casa Bolsonaro:** A leitura do episódio como crise do bolsonarismo foi o maior eixo da discussão em número de posts, com 25% do total, sinal de que o público tratou o atrito sobretudo como fratura interna da direita pelo espólio de Jair Bolsonaro.
- **"Mulheres votam muito mal":** a reação da base bolsonarista "pró-Flávio" atacando Michelle levou o debate sobre o impacto eleitoral relacionado ao voto feminino, após declarações de Paulo Figueiredo de que "mulheres votam muito mal". O tema começa a despertar grupos da chamada "machosfera" para a briga, com ataques misóginos e machistas. A imprensa repercutiu que Michelle defendeu no passado "subordinação saudável" de esposas a seus maridos e criticou o feminismo.
- **Esquerda em ritmo eleitoral...:** O impacto no cenário eleitoral foi o eixo de discussão mais equilibrado entre os campos do espectro político e o de maior presença da esquerda, com 33%, situando o episódio no cenário eleitoral, na expectativa de novas pesquisas e lembrando as conexões de Flávio e Daniel Vitoraro.
- **...e memeficando a briga bolsonarista:** Além de concentrar 31% de seus posts no impacto no cenário eleitoral, a esquerda também obteve 30% na leitura da crise interna do bolsonarismo, explorando o desgaste da pré-candidatura de Flávio, sua briga com a Madrasta e os as falas misóginas de Paulo Figueiredo e similares.

- **Ceará: depois de ser usado de pretexto, língua:** a origem do desentendimento foi o menor eixo em volume, com 5% do total, sinal de que o público repercutiu mais o conflito e seus desdobramentos do que a sua suposta causa.
- **Tudo vale pelo poder:** A esquerda enquadrou o caso como uma guerra pelo espólio político de Jair Bolsonaro, na qual o machismo contra Michelle expôs as contradições da extrema-direita e ampliou o desgaste eleitoral de Flávio.
- **Direita dividida:** A extrema-direita revelou desconcerto com o tema, identificado na divisão de posturas, variando entre a crítica ao vídeo de Michelle - visto como erro que ajudou Lula e prejudicou a unidade do campo - e a defesa da ex-primeira dama por sua oposição à aliança com Ciro Gomes.
- **A saída de Michelle:** a imprensa tratou o episódio da saída de Michelle da presidência do PL mulher como uma crise familiar convertida em disputa partidária e eleitoral. Essa crise afetaria a campanha eleitoral, com Michelle ganhando protagonismo, Flávio tentando conter danos entre mulheres e evangélicos e o PL atuando para impedir que o conflito compromettesse a campanha presidencial, mas destacando a simpatia de seu presidente nacional, Valdemar da Costa Neto, por Michelle.
- **Michelle: vítima ou vilã?** A saída de Michelle da presidência do PL Mulher reforça leituras que perpassam a identificação de seu isolamento e o fato de ser mais uma ação que pode prejudicar o enteado candidato, até a tentativa de marcar diferenças e construir um projeto próprio no seio do bolsonarismo.

CONTEXTO

Esse relatório acompanha o desgaste entre Michelle Bolsonaro e o enteado Flávio, pré-candidato do PL à Presidência, até o presente momento. O estopim foram os vídeos publicados por Michelle em 24 de junho, em que afirma ter sido desrespeitada por Flávio e seus irmãos em meio à divergência sobre a aliança do PL com Ciro Gomes no Ceará. O conflito se desdobrou ao longo da semana e culminou, em 30 de junho e 1º de julho, na renúncia de Michelle ao comando do PL Mulher e na extinção do posto por Valdemar Costa Neto, sob o argumento de que não havia nome no partido para substituí-la. No mesmo intervalo circularam a resposta de Flávio, o repúdio às falas de Paulo Figueiredo sobre o voto feminino e a expectativa de novas provas da relação entre Flávio Bolsonaro e Daniel Vorcaro.



Dados, métricas e narrativas mobilizadas

Considerando todas as postagens que mencionam o nome de Michelle Bolsonaro, a busca livre no Talkwalker registrou 175.119 menções entre 26/06 e 02/07/2026. O gráfico abaixo apresenta a quantidade de menções por hora ao nome da ex-primeira-dama, apontando que um primeiro pico se concentra em 26/06, dia de maior volume da série, com 51.723 menções e um platô elevado no fim da manhã e início da tarde, incluindo 3.374 menções às 11h, 3.397 às 12h e o pico do dia às 13h (3.448 menções/hora).

RESULTS OVER TIME



Menções por hora, 26/06/2026, 00h, a 02/07/2026, 10h. Fonte Talkwalker.

Nos dias seguintes o volume apresenta um recuo consistente, com 23.573 menções em 27/06, e há um arrefecimento do debate em 28/6 e 29/6. No final de 30/06 o volume alcança 30.245 menções, com uma sequência de altas no início da noite, levando ao maior pico por hora de toda a série, 4.051 menções às 21h, seguido de 3.846 às 22h. O movimento coincide com a repercussão do anúncio de saída do PL Mulher. Em 01/07 o total diário atinge o maior valor da série, 36.458 menções, com pico às 20h (2.176 menções/hora), acompanhando a extinção do comando nacional do PL Mulher e as novas manifestações públicas de Flávio Bolsonaro.

A dinâmica de menções à Michelle Bolsonaro indica que os dois momentos de maior repercussão ocorreram nos dias 30/6 e 1/7, associados à renúncia e a seus desdobramentos, enquanto o maior volume diário permanece em 26/06. A leitura sugere forte oscilação em um debate que perde intensidade no meio da semana e volta a se aquecer com o desfecho institucional do conflito.



Análise das métricas da lista fechada¹



Clusters de vocabulários mais utilizados por atores políticos

O acompanhamento registrou 4.988 posts e 46,4 milhões de interações no período, distribuídos em seis clusters temáticos. O debate se organizou em três blocos de peso semelhante: o núcleo do **atrito entre Michelle e Flávio**, a leitura do episódio como **crise do bolsonarismo**, e o **impacto no cenário eleitoral**. A distribuição por campo mostra predomínio da direita, com 53% dos posts.

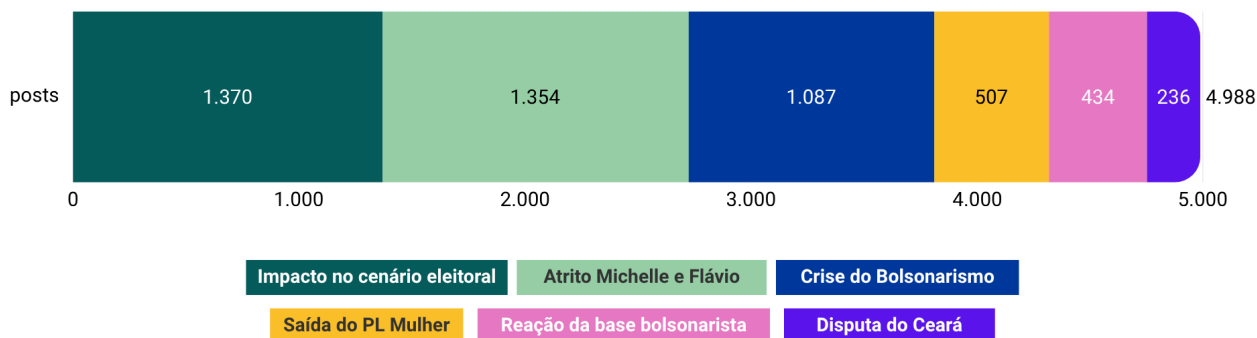
CLUSTER	% DO TOTAL	PERFIL POLÍTICO	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS DE TERMOS
ATRITO MICHELLE E FLÁVIO	28%	direita 38% esquerda 21% imprensa 41%	Vídeos em que Michelle diz ter sido humilhada e maltratada pelo enteado, e a resposta de Flávio.	humilhada, exprimeiradama, flávio, pré-candidato, desrespeitada, maltratada, enteado, desculpas, negou, atrito
IMPACTO NO CENÁRIO ELEITORAL	26%	direita 41% esquerda 33% imprensa 26%	Situa o episódio no cenário político de pesquisas eleitorais, caso Master, STF e o impacto sobre a disputa de 2026.	lula, análise, política, master, pesquisa, banco, Moraes, STF, vorcaro, cenário, impacto, eleitoral
CRISE DO BOLSONARISMO	25%	direita 66% esquerda 25% imprensa 8%	Leitura do episódio como fratura interna da direita e munição para a esquerda.	michelle, contra, gente, agora, filhos, esquerda, dona, briga, revela, bolsonarismo, marido, esposa
REAÇÃO DA BASE BOLSONARISTA	9%	direita 88% esquerda 8% imprensa 3%	Apoio de apoiadores e figuras do campo a Michelle, ataques à ex-primeira-dama, acusações de sabotagem interna e o debate sobre o voto feminino.	nikolas, Tarcísio, firmo, eleger, sabotar, mentirosa, feminismo, feminista, dona, confia
SAÍDA DO PL MULHER	7%	direita 54% esquerda 16% imprensa 29%	Renúncia de Michelle ao comando do PL Mulher e da extinção do posto por Valdemar Costa Neto, com o argumento do cuidado com a família.	mulher, Valdemar, Neto, Costa, saída, presidência, dedicar, cuidados, integralmente, nota, decisão
DISPUTA DO CEARÁ	5%	direita 50% esquerda 19% imprensa 31%	Aliança do PL com Ciro Gomes no Ceará e a disputa pela vaga do Senado entre Priscila Costa e Alcides Fernandes.	ciro, gomes, Ceará, Fernandes, aliança, Alcides, Priscila, girão, PSDB, senado, vaga

O caso Michelle Bolsonaro se desdobrou em diferentes capítulos, ainda em andamento. Em um primeiro momento, os vídeos em que a ex-primeira-dama diz ter sido humilhada pelo enteado, concentrou o núcleo do episódio no eixo **“Atrito Michelle e Flávio”** que foi ao mesmo tempo o de maior alcance e o mais coberto pela imprensa, com 41% de sua audiência vinda do jornalismo. Em torno desse núcleo, o engajamento se

¹ Dados coletados pelo Data Lake DX

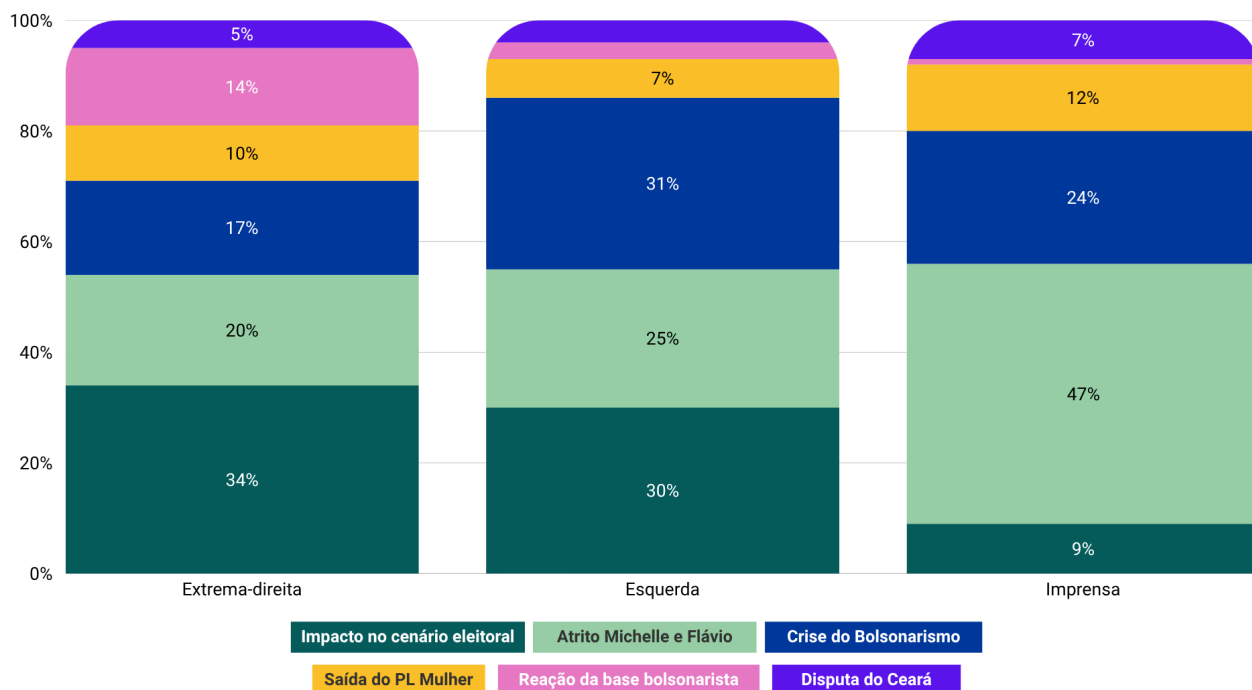
organizou em duas camadas distintas: a leitura do episódio como **crise do bolsonarismo**, maior eixo em número de posts, que tratou o atrito como fratura interna da direita e munição para a esquerda; e o **impacto no cenário eleitoral**, que amarrou o desgaste familiar às pesquisas de 2026 e ao caso Master. A origem do conflito, a disputa do **PL com Ciro Gomes no Ceará**, foi o menor eixo do recorte, sinal de que o público repercutiu mais o conflito e suas consequências do que a causa que o gerou.

Gráfico 01: Distribuição temática segundo posts publicados



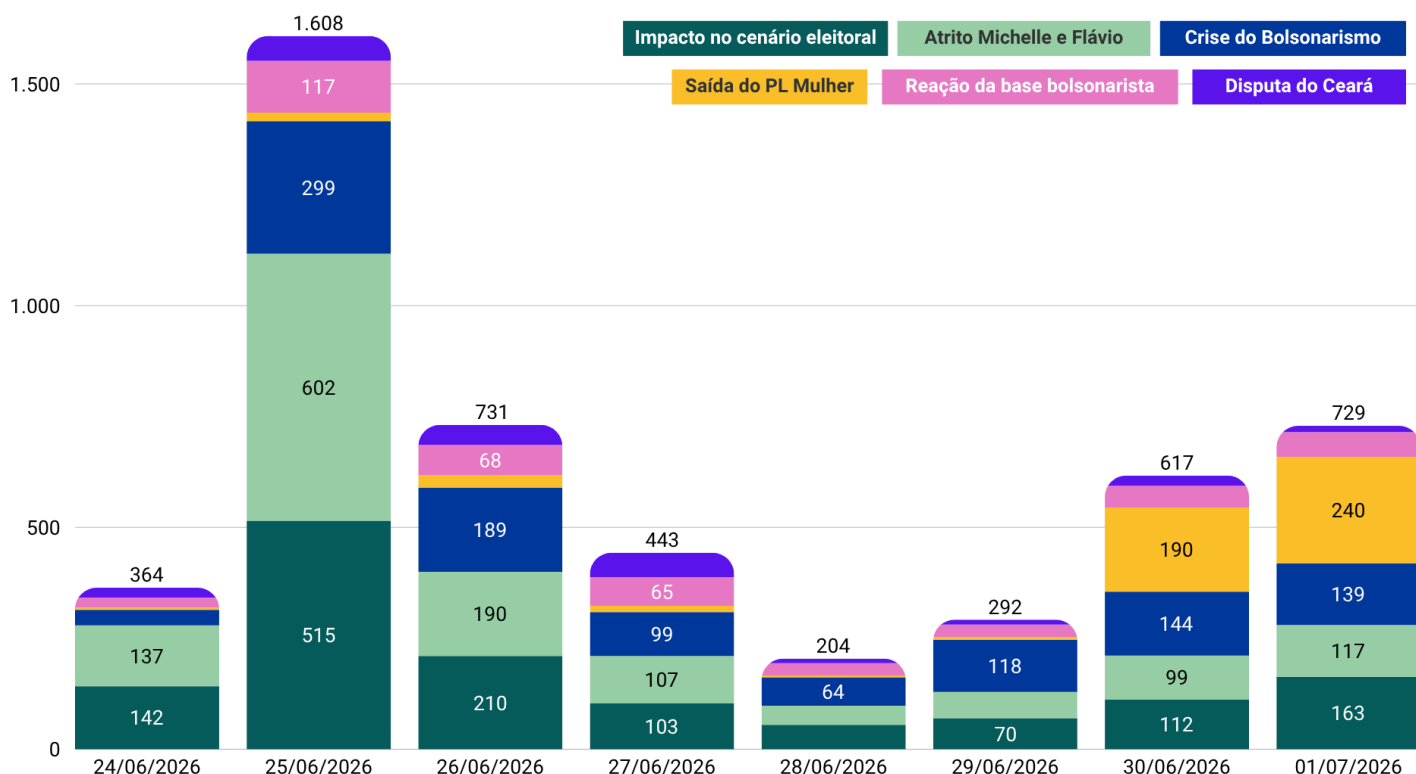
Três eixos de peso semelhante dominaram em volume o total de posts na discussão: a leitura da **crise do bolsonarismo**, o **atrito entre Michelle e Flávio** e o **impacto no cenário eleitoral**, que somados respondem por três quartos dos posts. Os desdobramentos institucionais, a **saída do PL Mulher**, a **reação da base** e a **disputa do Ceará**, tiveram volume menor, mas são os capítulos que estruturam a sequência do episódio.

Gráfico 02: Composição temática de cada campo político (%)



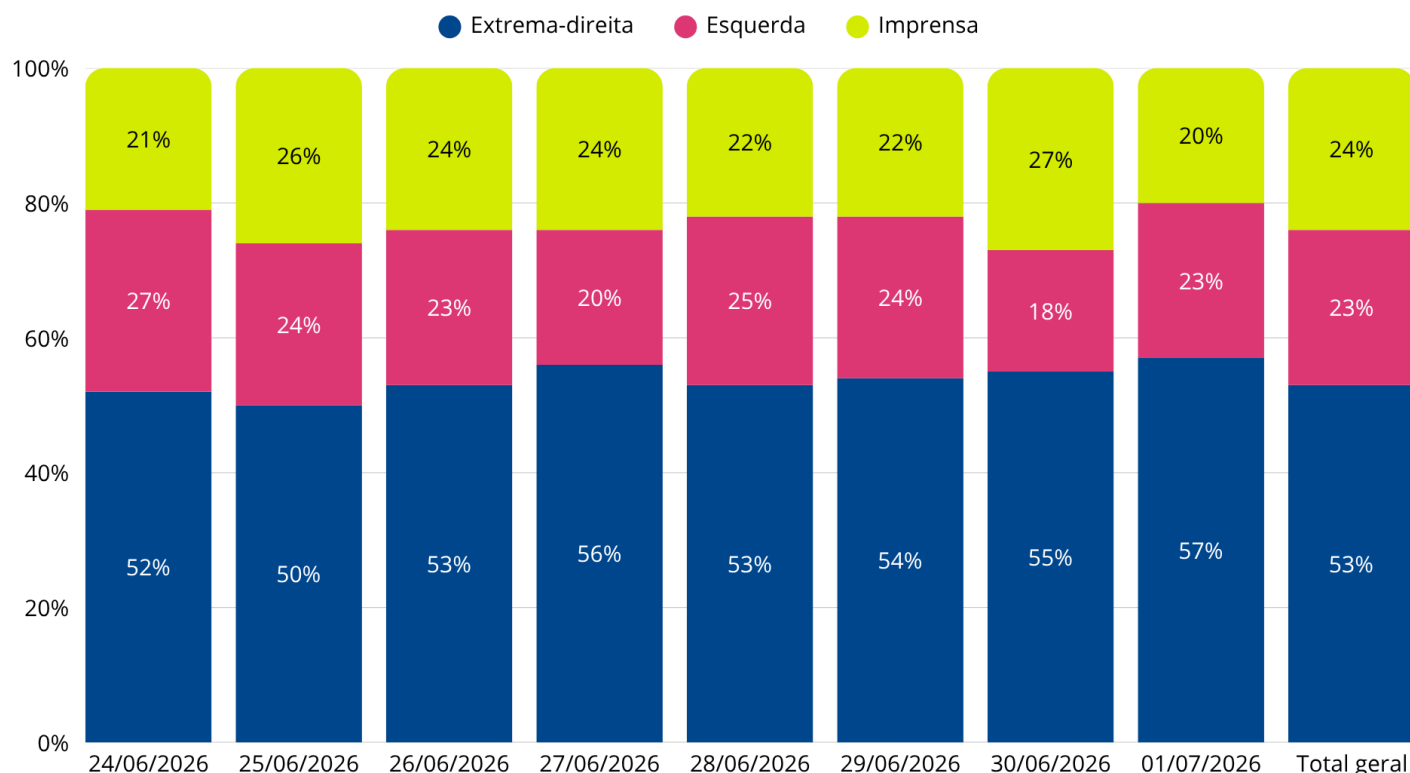
Dentro de cada campo, a imprensa dedicou 47% de seus posts ao **atrito entre Michelle e Flávio**, a maior concentração de qualquer campo em qualquer eixo. A esquerda distribuiu sua atenção entre o **impacto no cenário eleitoral** e a leitura da **crise do bolsonarismo**, com 31% e 30%, capitalizando a disputa como evento positivo para a campanha progressista. A direita enquadrou o caso dessa forma também, mas com mais relevância à reação da **base bolsonarista** e menos sobre o **impacto no cenário eleitoral**.

Gráfico 03: Distribuição diária dos temas mais discutidos



O volume se concentrou em 25 de junho, com 1.608 posts no dia seguinte ao vídeo, e caiu ao longo da semana até um segundo movimento de ascensão no fim do recorte. Em 30 de junho e 1º de julho, a saída do PL Mulher trouxe o episódio de volta ao pico, ao concentrar 190 e 240 posts nesses dois dias, quando a renúncia de Michelle e a extinção do comando por Valdemar reacenderam o assunto.

Gráfico 04: Perfil político diário (%)



A direita predominou na audiência ao longo de todos os oito dias, com variação estreita entre 50% e 57%. A imprensa teve participação um pouco maior nos dias do desdobramento institucional, com 26% em 25 de junho, dia seguinte ao vídeo, e 27% em 30 de junho, dia da saída do PL Mulher, enquanto a esquerda manteve presença constante em torno de um quarto da audiência.



Narrativas mobilizadas

👉 Principais temas da direita

Principais narrativas da extrema-direita

📌 Em resumo, a extrema-direita interpretou a atualização do caso Michelle como uma disputa pelo comando do bolsonarismo. Parte do campo viu o vídeo de Michelle como um erro político que expôs a família Bolsonaro, favoreceu Lula e fragilizou a ex-primeira-dama. Outra parte validou as críticas de Michelle, com foco na aliança com Ciro Gomes e na atuação dos filhos de Bolsonaro contra ela. Após sua saída do PL Mulher, ganhou força a leitura de que Flávio preservou sua candidatura, enquanto Michelle passou a ser retratada entre o isolamento político e a tentativa de construir um projeto próprio.

Erro político de Michelle

A reação de maior peso enquadrou a publicação como um gesto desnecessário e prejudicial à direita, por abrir um conflito interno em um momento tratado pelo campo como crucial para derrotar Lula. O argumento predominante foi que divergências familiares e partidárias deveriam ter ficado restritas aos bastidores, ainda mais diante da impossibilidade de Jair Bolsonaro atuar em público como figura de pacificação. Nesse registro, Michelle foi acusada de [fragilizar suas próprias chances de disputar o Senado](#), prestar um desserviço ao campo conservador e colocar uma disputa pessoal acima do projeto eleitoral. Essa leitura também apareceu em leituras religiosas e familiares, que atribuíram à ex-primeira-dama a responsabilidade de preservar a unidade do grupo e aceitar o pedido de desculpas de Flávio.

Ajuda eleitoral a Lula

O impacto do episódio foi lido a partir de seu potencial de exploração eleitoral. As publicações afirmaram que o vídeo ofereceu à esquerda uma narrativa sobre machismo, divisão familiar e fragilidade da candidatura presidencial, convertendo a desavença em munição contra o bolsonarismo. Nessa avaliação, Michelle [favoreceu Lula ao tornar público o conflito e retirar atenção de temas considerados mais danosos ao governo](#), como a operação envolvendo Jaques Wagner. A exposição da disputa interna passou a ser tratada como um gesto que beneficiou adversários e dificultou a tentativa da direita de manter a campanha sob controle.

Paulo Figueiredo e a disputa pelo voto feminino

A declaração de Paulo Figueiredo de que “[mulher vota mal](#)” ampliou o conflito para além da relação entre Michelle e Flávio, atingindo o capital político que a ex-primeira-dama construiu no PL Mulher e entre eleitoras conservadoras. A partir daí, Michelle passou a aparecer como alvo de uma ala masculina do bolsonarismo digital interessada em reduzir sua influência, enquanto conteúdos alinhados a Flávio tentaram enquadrar sua reação como ruptura com o campo conservador. Essa disputa ganhou forma nos ataques em que [Paulo Figueiredo](#) comparou a postura de Michelle diante de Flávio e Alexandre de Moraes e aproximou seu discurso do repertório associado a [Érika Hilton](#).

A reação de [Flávio buscou conter esse desgaste](#) e impedir que o episódio consolidasse a imagem de uma candidatura hostil às mulheres. O senador rejeitou a generalização sobre o voto feminino e afirmou que cabia à campanha melhorar sua comunicação e apresentar propostas capazes de conquistar esse público. A leitura foi que a pacificação com Michelle também cumpria uma função eleitoral, pois preservava a ligação da candidatura com o PL Mulher e com eleitoras

conservadoras, em um momento no qual aliados reconheciam que o apoio da ex-primeira-dama [seguia relevante para a campanha](#).

Flávio preserva a candidatura

Conforme novas pesquisas circularam, parte da extrema-direita passou a afirmar que o vídeo não havia produzido o dano eleitoral esperado. A estabilidade de Flávio nos levantamentos foi usada para sustentar que Michelle teria saído mais fragilizada do episódio, [já que a candidatura do enteado preservou competitividade mesmo após a crise](#). Essa leitura apareceu em conteúdos que negaram impacto sobre seu desempenho eleitoral e em análises sobre a ausência de mudança relevante entre mulheres e evangélicos, convertendo o conflito em uma tentativa frustrada de desestabilização.

Isolamento de Michelle

A renúncia à presidência do PL Mulher foi interpretada como consequência direta da repercussão supostamente negativa das ações de Michelle. Circularam relatos de que ela cogitou deixar o partido, desistir da candidatura ao Senado e abandonar a política para cuidar da família. A decisão foi enquadrada por críticos como sinal de perda de espaço e rejeição interna, enquanto aliados tentaram apresentá-la como afastamento acordado com Jair Bolsonaro. A afirmação de que [a direita permanecia unida e a saída havia sido combinada](#) disputou espaço com a leitura de que Michelle ficou isolada e deixou o comando do PL Mulher após não conseguir apoio para seguir em sua posição.

Coerência contra Ciro

Uma parcela do campo considerou legítima a resistência à aliança do PL com Ciro Gomes no Ceará. O apoio a Eduardo Girão foi tratado como defesa da coerência ideológica e da lealdade a Jair Bolsonaro. O argumento ganhou força com registros de que Bolsonaro preferia Girão e com falas posteriores de Ciro que pareciam confirmar os alertas feitos por Michelle. Nesse eixo, a ex-primeira-dama foi apresentada como alguém que [desmascarou uma articulação considerada contraditória](#). A crítica se concentrou menos no conteúdo do posicionamento e mais na decisão de expor Flávio e os irmãos.

Maus conselheiros

Outra narrativa atribuiu o vídeo à influência de Damares Alves, Nikolas Ferreira, dirigentes do PL Mulher e outros atores interessados em enfraquecer Flávio. Michelle foi descrita como alguém cercada por pessoas que alimentavam um projeto alternativo dentro da direita ou alguém induzida ao erro. Circularam apelos para [“salvar Michelle dos maus conselheiros”](#) e acusações de que Damares atuava para inviabilizar a candidatura de Flávio. Essa interpretação permitiu preservar parte da imagem da ex-primeira-dama, transferindo a responsabilidade pela crise para quem estaria orientando suas decisões.

Projeto próprio de poder

A produção do vídeo, sua edição e o cenário foram usados para argumentar que a publicação havia sido planejada. A leitura foi de que Michelle buscava se apresentar como alternativa presidencial, disputar a liderança do bolsonarismo ou preparar uma chapa com outras figuras. A hipótese apareceu em análises que trataram o vídeo como [pré-anúncio de uma candidatura ao Planalto](#) e em publicações que associaram a saída do PL Mulher a um projeto para 2030. Nesse enquadramento, a desavença deixou de ser vista como reação emocional e passou a ser tratada como movimento calculado de autonomia política.

Herança do bolsonarismo

O caso também foi lido como consequência do vácuo de liderança causado pelo afastamento de Jair Bolsonaro. Sem a capacidade de intervir no debate público, filhos, esposa, dirigentes partidários e influenciadores passaram a disputar quem poderia falar em nome do ex-presidente. A escolha de Flávio como candidato foi reafirmada por Valdemar Costa Neto e usada para exigir disciplina do grupo. A declaração de que [Flávio havia sido escolhido por Bolsonaro e deveria receber apoio](#) condensou essa narrativa. A atualização do caso revelou que a divergência sobre o Ceará foi incorporada a uma disputa pelo controle da estratégia política, refletindo também a influência sobre o eleitorado feminino e a sucessão dentro da família Bolsonaro.

Principais temas na esquerda

 Em resumo, a esquerda tratou o desenrolar do caso Michelle como evidência da disputa pelo espólio político de Jair Bolsonaro e das contradições de gênero dentro da extrema-direita. O vídeo foi lido como exposição do machismo de Flávio e como gesto de Michelle para preservar seu capital político diante dos enteados. Com a saída do PL Mulher e as insinuações sobre novas revelações, ganhou força a leitura de que o episódio enfraqueceu Flávio e manteve aberta a disputa pelo futuro do bolsonarismo.

Guerra pelo espólio

A leitura predominante foi a de que o pronunciamento ultrapassou o desentendimento sobre a aliança do PL com Ciro Gomes no Ceará e tornou pública uma disputa pelo comando do bolsonarismo. Michelle foi apresentada como uma liderança com capital próprio entre mulheres e evangélicos, enquanto Flávio apareceu como herdeiro contestado, incapaz de conter conflitos dentro da família e do partido. O episódio foi enquadrado como uma disputa pela herança eleitoral de Jair Bolsonaro, em que Michelle teria buscado conter o avanço de Flávio para preservar seu próprio espaço político. Essa interpretação apareceu na análise de que o vídeo representava uma [disputa pela herança política da extrema-direita](#) e nos conteúdos que trataram o confronto como um [vale-tudo pelo espólio eleitoral de Jair Bolsonaro](#).

Machismo interno

O relato de que Flávio teria mandado Michelle permanecer fora das decisões partidárias foi usado para sustentar a ideia de que as mulheres só são aceitas como parte do bolsonarismo enquanto mobilizam votos e ocupam funções auxiliares. Quando disputam poder ou questionam decisões masculinas, passam a ser silenciadas e atacadas. A saída da presidência do PL Mulher reforçou essa leitura, apresentada como demonstração do lugar reservado às mulheres dentro da estrutura partidária. O episódio foi descrito como a “descoberta” de que [as mulheres que ajudam a erguer esse sistema não possuem poder de fala dentro dele](#), enquanto outras publicações afirmaram que a extrema-direita [acolhe mulheres para pedir votos, mas não para exercer poder](#).

Michelle não vira símbolo feminista

Embora o machismo contra Michelle tenha sido reconhecido, parte das publicações recusou qualquer aproximação política ou solidariedade automática. A leitura foi que ela denunciou a violência quando atingida, após anos defendendo uma agenda que restringe direitos e sustenta hierarquias de gênero. O caso foi usado para separar a condição de vítima de uma agressão e o papel político exercido por Michelle na expansão de um projeto antifeminista. Essa ressalva apareceu no alerta de que [a denúncia do machismo não transforma Michelle em aliada da luta das mulheres](#) e na avaliação de que a dirigente ajudou a construir [a mesma estrutura que agora a silenciou e afastou do comando partidário](#).

Dano eleitoral a Flávio

As publicações trataram o vídeo como uma crise com potencial para desgastar a candidatura de Flávio, sobretudo entre mulheres e setores evangélicos, enfraquecendo sua imagem como liderança do bolsonarismo. O pedido de desculpas foi interpretado como tentativa de controle de danos e, em algumas leituras, como uma resposta que manteve críticas à madrastra nas entrelinhas. A candidatura de Flávio foi apresentada como fragilizada por uma sucessão de desgastes, à qual se somaram as relações com Daniel Vorcaro e o Banco Master. O resultado foi enquadrado como vantagem para Lula e como possível incentivo para que o PL buscasse outro candidato ou uma mulher para a vice. Circularam avaliações de que Michelle havia [implodido a campanha de Flávio](#) e de que o episódio poderia atingir sua [relação com o eleitorado feminino conservador](#).

Ameaça de novas revelações

A frase de Michelle de que havia contado “quase tudo”, somada ao compartilhamento de conteúdos sobre a chamada “Noite das Astronautas”, foi interpretada como aviso de que ela poderia revelar informações comprometedoras. A leitura inseriu a crise familiar em um histórico de suspeitas financeiras associadas ao entorno bolsonarista, conectando o episódio às menções a Daniel Vorcaro, ao filme sobre Jair Bolsonaro e às antigas relações

com Fabrício Queiroz. As publicações passaram a tratar o conflito como uma guerra de dossiês, na qual cada lado teria informações capazes de atingir o rival. O compartilhamento do vídeo de Anthony Garotinho foi lido como [recado dirigido a Flávio e aos aliados que atacavam Michelle](#), enquanto a menção ao “quase” foi apresentada como uma [ameaça de novas revelações](#).

Saída do PL Mulher

A saída de Michelle do comando do PL Mulher abriu três leituras próximas. Uma de que ela foi afastada ou pressionada por Jair Bolsonaro e pelo núcleo familiar. Outra entende a renúncia como abandono da campanha de Flávio e recusa em transferir seu capital político ao enteado. A terceira viu um recuo calculado para evitar associação com uma candidatura em crise e preservar seu nome para disputas futuras. Em todos os casos, a decisão foi tratada como confirmação de que a tentativa de pacificação fracassou. A renúncia apareceu como sinal de que Michelle [abandonou o barco de Flávio](#) e como possível resultado de uma [imposição dentro da própria família](#).

👉 Principais temas na imprensa

📌 Em resumo, a imprensa tratou a atualização do caso Michelle como uma crise familiar que se converteu em problema partidário e eleitoral. O vídeo foi enquadrado como movimento calculado, capaz de ampliar o protagonismo de Michelle, expor a fragilidade de Flávio e atingir sua relação com mulheres e evangélicos. As tentativas de pacificação conduzidas por Flávio e Valdemar Costa Neto foram acompanhadas com cautela, sobretudo porque novos episódios mantiveram o conflito ativo. Com a saída do PL Mulher, a cobertura passou a destacar duas leituras em disputa: a de que Flávio recompôs apoio interno e a de que Michelle preservou força própria para influenciar a sucessão do bolsonarismo.

Crise aberta no clã

A imprensa apresentou o pronunciamento feito no vídeo como a passagem de um conflito de bastidores para uma crise aberta dentro da família Bolsonaro e do PL. O relato de Michelle sobre humilhação, maus-tratos e afastamento das decisões partidárias apareceu como elemento central da cobertura, com atenção para a origem do embate nas articulações eleitorais do Ceará. O apoio de setores do PL a Ciro Gomes foi enquadrado como estopim de uma disputa mais ampla sobre a montagem dos palanques estaduais e o lugar de Michelle na estratégia eleitoral do bolsonarismo. O episódio foi descrito como um [racha familiar e político no PL](#) e como uma crise que deixou de ocorrer nos bastidores para se tornar [uma sequência de conflitos públicos entre Michelle e os filhos de Jair Bolsonaro](#).

Michelle disputa a sucessão

A leitura de parte da imprensa foi que Michelle saiu do episódio com maior protagonismo e demonstrou possuir capital político independente da família. O vídeo foi interpretado como um movimento planejado para reafirmar a lealdade de Michelle a Jair Bolsonaro e fortalecer sua posição como herdeira do bolsonarismo, sobretudo entre eleitoras e segmentos evangélicos, em contraste com os filhos do ex-presidente. As análises situaram a disputa para além da eleição de 2026, tratando-a como antecipação da corrida pelo comando do bolsonarismo em 2030. Michelle foi descrita como alguém que [deixou de ocupar uma posição de coadjuvante e passou a se apresentar como sucessora](#), enquanto o conflito foi associado a uma [batalha pelo espólio político e pelo papel de herdeiro legítimo de Jair Bolsonaro](#).

Risco eleitoral para Flávio

A cobertura destacou que o conflito atingia públicos dos quais Flávio dependia para ampliar sua candidatura, sobretudo mulheres e evangélicos. A reação inicial durante o jogo do Brasil foi tratada como evasiva, e os pedidos de desculpas posteriores apareceram como tentativa de conter o desgaste. A imprensa também registrou avaliações opostas sobre o impacto, entre a hipótese de fortalecimento de Flávio dentro do partido e a leitura de que o episódio reduziu seu apoio interno, ampliando sua dificuldade para construir uma agenda própria. Predominou, porém, a leitura de que o vídeo colocou a campanha em posição defensiva e agravou uma série de crises já associadas ao caso Master e a Daniel Vorcaro. O vídeo foi chamado de [“bomba” lançada sobre a pré-campanha](#), enquanto a reação do partido foi descrita como uma operação para [evitar desgaste entre mulheres e evangélicos](#).

Pedido de desculpas sob pressão

O pedido de desculpas, os elogios ao trabalho de Michelle e os apelos por união receberam ampla cobertura como parte de uma estratégia para encerrar a crise. Ainda assim, a imprensa ressaltou contradições entre a negativa de ter desrespeitado Michelle e a decisão de pedir desculpas, além da demora para responder ao conteúdo do vídeo. A frase de que “nada nem ninguém” o aborreceria em dia de jogo foi retomada como sinal de que a primeira reação não correspondia à gravidade atribuída ao episódio. Os pedidos públicos foram apresentados como [esforço para apaziguar a crise](#) e como tentativa de [estancar o desgaste e recuperar o apoio da madrastra](#).

PL tenta conter a crise

Valdemar Costa Neto foi retratado como o principal responsável por impedir que o conflito contaminasse a campanha e a estrutura partidária. A antecipação de sua volta ao Brasil, as reuniões com Michelle e os pedidos para que questões íntimas fossem tratadas fora do espaço público reforçaram a leitura de que o partido via risco eleitoral concreto na

publicidade dada ao conflito. O caso também foi relacionado às dificuldades de formação de palanques em estados como Ceará e Minas Gerais, onde a disputa entre candidaturas locais e os interesses da campanha presidencial já produzia tensões. A avaliação de Valdemar de que o PL poderia [“sair perdendo em casa”](#) sintetizou o enquadramento de que a crise familiar havia se convertido em um problema partidário.

Saída do PL Mulher

A renúncia de Michelle ao comando do PL Mulher foi tratada como desfecho parcial do confronto e como sinal de que a reconciliação pública não eliminou as divergências expostas no vídeo. A justificativa de que ela passaria a se dedicar aos cuidados do marido e da filha foi associada a relatos sobre esgotamento, possível desistência da candidatura ao Senado e insatisfação com os ataques recebidos. A imprensa também apresentou interpretações distintas sobre o efeito interno da decisão. Parte das fontes avaliou que a saída uniu o partido ao redor de Flávio, enquanto outras apontaram que Michelle preservou influência, apoio regional e capacidade de interferir na campanha. O afastamento foi enquadrado como resultado direto da [crise pública com Flávio](#) e como um movimento que ainda deixava dúvidas sobre [o peso eleitoral de Michelle para o bem ou para o mal da candidatura](#).

Vorcaro amplia a crise

A expressão de que havia contado “quase tudo” e o compartilhamento posterior de vídeos sobre Daniel Vorcaro levaram a imprensa a explorar a possibilidade de que Michelle possuísse novas informações sobre Flávio e o entorno familiar. Esse enquadramento aproximou o conflito da crise do Banco Master e concedeu ao episódio uma dimensão de ameaça latente. A postagem sobre as festas atribuídas a Vorcaro foi tratada como nova alfinetada, e a reação de Flávio, ao chamar Michelle de desinformada, mostrou que a tentativa de encerrar a disputa não havia funcionado. Circularam análises de que Michelle [deu a entender possuir mais munição contra o enteado](#) e de que o “quase tudo” alimentava a pergunta sobre [o que mais ela ainda poderia contar](#).

EXPEDIENTE

Michelle Bolsonaro: atualização

02 de julho de 2026

ESTE RELATÓRIO ESTÁ LICENCIADO SOB A LICENÇA CREATIVE COMMONS CC BY-SA 4.0 BR.

Essa licença permite que outros remixem, adaptem e criem obras derivadas sobre a obra original, inclusive para fins comerciais, contanto que atribuam crédito aos autores corretamente, e que utilizem a mesma licença.

TEXTO DA LICENÇA: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/legalcode>

COMO CITAR ESSE DOCUMENTO:

Chiodi, A.; Santos, João Guilherme Bastos dos.; Vasques, Beto. Michelle Bolsonaro: atualização. Instituto Democracia em Xequê, 2026.

Equipe do relatório:

Alexsander Chiodi, João Guilherme Bastos dos Santos e Beto Vasques.

Dados: Marcelo Alves.

Design e diagramação: Moara Juliana

INSTITUTO DEMOCRACIA EM XEQUE

Fabiano Garrido

Diretor Executivo

Ana Julia Bonzanini Bernardi

Diretora de Projetos

Beto Vasques

Diretor de Relações Institucionais

Letícia Capone

Diretora de Pesquisa

Marcelo Alves

Diretor de Metodologia e Inovação

João Guilherme Bastos dos Santos

Diretor de Tecnologia e Estudos Temáticos

Tatiana Dourado

Diretora de Estudos e Políticas Digitais

Alexsander Chiodi

Coordenador de Relatórios

Caroline Pecoraro

Coordenação de Gestão Institucional

Moara Juliana

Coordenadora de Arte e Comunicação

Patrícia Hernandez

Coordenadora de Operações

Paulo Souza

Coordenador de Parcerias

Contato: contato@institutodx.com